

Wine Mosaic – Preservar e promover as castas autóctones Garantir a “vinodiversidade”

São cerca de 1400 as castas usadas na produção de vinho no mundo, mas 80% dos vinhos são feitos com apenas 20! Há um enorme património em vias de extinção e que põe em perigo a ‘vinodiversidade’. A associação Wine Mosaic junta profissionais de todos os setores ligados ao vinho para defender as variedades originais do Mediterrâneo e promover os vinhos provenientes destas castas raras.

E convida todos os interessados no assunto a envolverem-se.

Emília Freire

Certamente já ouviu dizer que Portugal tem cerca de 300 castas indígenas de *Vitis vinifera*, mas quantas já passaram pelo seu copo? Apenas uma pequena percentagem, seguramente... E Portugal ainda é dos, poucos, bons exemplos. Mas se dissermos que das cerca de 1400 variedades que são usadas para a produção comercial de vinhos em todo o mundo (segundo o livro “Wine Grapes” de Jancis Robinson, Julia Harding e José Vouillamoz) apenas 20, sim 20, são responsáveis por 80% da produção, percebe-se o porquê de chamar a atenção para a necessidade de preservar as castas autóctones, já que muitas estão mesmo em vias de extinção. O projeto Wine Mosaic (WM), associação sem fins lucrativos criada em França, que foi apresentado num simpósio no Porto, a 6 e 7 de julho, tem como missão precisamente preservar e promover as castas originais do Mediterrâneo (para já) e defender a ‘vinodiversidade’. Jean-Luc Etievent, mentor e um dos fundadores do Wine Mosaic, explica à ENOVITIS, que “o projeto foi concebido para juntar os vários profissionais que trabalham na preservação e promoção das castas originais de forma a facilitar a comunicação entre os investigadores, os viticultores e os comerciantes que se interessam por estas variedades locais. Numa primei-



ra fase, o objetivo é identificar qual a situação em cada país – porque há realidades muito diferentes na região –, assinalar quais são as necessidades e como é que o WM pode ajudar”.

OIV apoia

O simpósio do Porto teve o patrocínio da Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV) e contou com a participação, nomeadamente, de Vicente Sotés Ruiz, presidente da Comissão de Viticultura. À ENOVITIS, o responsável frisa a importância do projeto porque “existe competição entre as variedades internacionais e as locais com risco de estandardização de castas autóctones, mais ainda quando algumas variedades locais têm uma importância económica muito limitada devido à sua pouca produção/rendimento e implantação no mercado e, em certos casos, não se dispõe de material selecionado ou está pouco estudado”.

O presidente da Comissão de Viticultura da OIV salienta que para a organização “esta é uma questão importante que toca todas as suas comissões (Viticultura, Enologia, Economia e direito, Vinho e saúde). Em muitas reuniões de grupos de peritos se abordaram tópicos relacionados e é de destacar o impacto no grupo de peritos ‘Recursos Genéticos e Seleção da Videira’, que é especialmente sensível ao assunto”.

O trabalho da associação pretende ser colaborativo e envolvendo todos os que se interessam pela temática. Começando pelo simpósio do Porto onde a ‘apresentação’ do projeto foi muito mais a ‘criação’ do próprio projeto, já que os cerca de 50 investigadores, viticultores, viveiristas, comerciantes, distribuidores, *marketeers*, jornalistas, etc., participaram ativamente nos *workshops* de definição dos objetivos e do caminho a seguir pelo Wine Mosaic. Para Jean-Luc Etievent, a primeira conclusão desta reunião de 50 participantes de 13 países, de todas as áreas ligadas ao vinho, é que há “interesse na questão da preservação e promoção da ‘vinodiversidade’. A salvaguarda do património de castas locais e históricas é essencial para todos os viticultores e todas as regiões vinícolas, em todo o mundo. E esta é a maneira de lidar com vários desafios: respon-

dendo às alterações climática com variedades de uvas que produzem menos álcool, ter em conta a diversidade de gostos e manter tradições e *terroirs*”.

Portugal: o exemplo a seguir

O mentor do WM diz-nos ainda que vários países do Mediterrâneo estão a mobilizar-se no sentido da preservação das castas nativas e “a criação da associação PORVID em Portugal que reúne investigadores, universidades e viticultores foi, para muitos participantes, entendida como um exemplo a seguir, especialmente porque envolve todas as partes interessadas e não apenas especialistas e ampelógrafos”.

Jean-Luc Etievent salienta que preservar as castas é um assunto de todos, incluindo os comerciantes que podem promover os vinhos destas variedades antigas, mas também dos consumidores que encontraram uma maneira de se envolver no respeito pela biodiversidade e provando vinhos diferentes.

O presidente da direção da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (PORVID), Antero Martins, também participante no simpósio, considera, em declarações à ENOVITIS, que “o Wine Mosaic pensa mais nos vinhos diferentes que se podem fazer com as castas de segunda linha, já reconhecidas mas pouco cultivadas: vinificações experimentais, concursos de vinhos, venda em nichos sofisticados, promoção intensa na comunicação social. A vocação da PORVID é mais genética/vitícola, procuramos descobrir muitas castas até aqui desconhecidas, guardar a respetiva diversidade intravarietal e, só a mais longo prazo, dar também atenção ao vinho”, mas frisa que “o surgimento do WM pode ser muito útil para o nosso trabalho, pela visibilidade e credibilidade internacional que lhe pode acrescentar e também pela possibilidade de algumas das nossas abordagens poderem vir a ser replicadas no estrangeiro

(como foi referido pelo principal responsável no simpósio do Porto)”.

Antero Martins alerta ainda que “a diversidade genética da espécie com que se faz o vinho (*Vitis vinifera*) está distribuída pelos países da orla mediterrânica e está a perder-se a um ritmo alucinante. Conservar a diversidade é uma enorme responsabilidade desses países, perante si próprios, perante os outros países

“Já há um grupo de clientes na Itália e na Europa abertos e curiosos sobre estas castas originais. E finalmente encontramos abertura também noutros mercados. Mas é ainda um desafio comunicar e explicar estes projetos.”

Patricia Tóth, enóloga dos vinhos Planeta, da Sicília

vitivinícolas e perante as gerações vindouras. Mas os decisores e os investigadores do mundo parecem estar ainda muito distraídos quanto a esta catástrofe em curso” e defende: “por isso, o projeto Wine Mosaic, que tem uma componente de comunicação muito forte, poderá ajudar a mudar essa situação para melhor”.

Na Espanha, “o país com mais superfície de vinhas do mundo, (985 000 hectares em 2012), as variedades autóctones ocupam uma superfície de 913 750 hectares, enquanto as internacionais apenas 71 150 ha (representando aproximadamente 7% do total)” explica Vicente Sotés, também professor na Universidade Politécnica de Madrid, mas ressalva que “há uma grande

concentração de superfície em poucas castas: as cinco principais variedades brancas mais as cinco principais tintas representam 75% da área total cultivada; enquanto as dez castas brancas mais as dez tintas representam 88% da área total. Esta erosão genética é preocupante e há um grande número de variedades minoritárias com pouca extensão ou em risco de desaparecimento. Por isso, hoje são desenvolvidos

muitos trabalhos de recuperação e caracterização das variedades minoritárias em diferentes regiões, que permitiram um grande número de indivíduos que possuem pouca importância na produção de uvas, mas que têm um grande interesse

estratégico”. Os trabalhos são conduzidos por investigadores que se reúnem no grupo científico GESEVID (grupo espanhol de seletores de videira), que tem reuniões semestrais onde os trabalhos são expostos e coordenados os aspetos científicos, adianta Vicente Sotés.

Geradores de Nitrogénio



NGM Geradores de Nitrogénio de Membrana
Caudal de 5 - 500 Nm³/h e pureza 95% - 99,5%

NGP Geradores de Nitrogénio PSA
Caudal de 4 - 1100 Nm³/h e pureza 95% - 99,999%

Fácil instalação e baixos custos de funcionamento. Fácil configuração para outros níveis de pureza. Ampla rede de serviço pós-venda: peças sobressalentes, manutenção e contratos de serviço.

Saiba mais em www.n2gen.com

Soc. Atlas Copco de Portugal Lda.
Av. do Forte, nº 3, 2790-073 Carnaxide
Telf. 707 200 071 | info.portugal@pt.atlascopco.com
www.atlascopco.com

Atlas Copco

Por seu lado, Jorge Queiroz, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, ‘anfitrião’ do simpósio, e que foi eleito correspondente do *board* do Grupo internacional de Especialistas em Sistemas vitivinícolas para a Cooperação (GiESCO) como responsável pelo tema ‘Castas’-Wine Mosaic na assembleia-geral que decorreu também no Porto na semana seguinte ao lançamento do projeto, salienta-nos que “a importância do WM ad-

vém, por um lado, de envolver desde já nove países da bacia mediterrânica (Portugal, França, Espanha, Itália, Croácia, Grécia, Turquia, Argélia e Líbano), onde a viticultura apresenta obviamente importâncias diferentes, mas que mostram interesse em, por um lado, preservar um património genético de *Vitis vinifera* que é muito importante, e, por outro lado, fazer a sua divulgação através da comercialização de vinhos provenientes dessas castas, sensibili-

zando deste modo os consumidores para esta problemática”. Jorge Queiroz frisa ainda que “consegue-se deste modo fazer chegar ao consumidor vinhos verdadeiramente originais e únicos, e ao mesmo tempo fazer com que os produtores possam receber algum retorno económico pela sua ‘teimosia’ em preservar castas em vias de extinção”.

Três casos de ‘teimosia’

Mas ainda há, e nos últimos anos cada vez mais, casos de viticultores que se recusam a seguir a ‘moda’ das castas internacionais e se mantêm firmes na defesa das variedades originais das suas regiões. Portugal tem muitos e bons exemplos, mas no simpósio foram apresentados três casos, curiosamente de três ilhas: Clos Fornelli, da Córsega; Planeta, da Sicília; Domaine Sigalas, de Santorini.

Patricia Tóth, enóloga dos vinhos Planeta, que têm cinco quintas em diferentes regiões vitivinícolas da ilha, diz à ENOVITIS que o projeto Wine Mosaic “pode tornar-se uma grande plataforma para reunir os diferentes grupos da área científica, os produtores, que trabalham no dia a dia com castas originais, especialistas de marketing e jornalistas, também: acredito definitivamente que temos de continuar juntos nesta estrada, falar sobre o que estamos a passar nas nossas pequenas realidades e pensar sobre o futuro destas variedades em conjunto”. A família Planeta trabalha na agricultura desde há séculos mas a geração mais nova decidiu avançar com a produção própria de vinho de qualidade nos anos 80 e, desde aí, tem vindo a aumentar o património vitícola e a apostar cada vez mais em variedades autóctones como a Nero d’Ávola ou a Grecanico, em Menfi bem como a Flano di Avellino, no mesmo *terroir* (embora ela seja originária da Campania), e que produz o conhecido vinho da empresa, o Cometa. A Nero d’Ávola também é aposta na sua região ‘natal’, Noto, além da Frapatto e da Moscato Bianco.

Mais recentemente a família comprou também uma quinta na região do Etna, que entrou em plena produção em 2012, “onde dá aten-



ELA

UNIDADES MÓVEIS

FILTRAÇÃO
ESTABILIZAÇÃO
PASTEURIZAÇÃO
OSMOSE INVERSA
ENGARRAFAMENTO
ENGARRAFAMENTO A QUENTE
ACABAMENTO

QUINTA DA BELA VISTA
APT 2 4589-905 BALTAR
Tel.: 224 331 732 Fax: 224 330 152
E-mail: ela.joseleao@sapo.pt



ção às variedades locais desta região única, Carricante e Nerello Mascale, (...) e ainda a Capo Milazzo, na histórica região DOC de Mamertino, que hoje tem menos de 50 hectares. Aí plantámos Nero d'Avola, Nocera e três curiosas relíquias recuperadas pelo Instituto de Pesquisa Viticultural de Marsala, enxertadas em vinhas selvagens do local: Lucignola, Vitruvulo e Catanese nera”, diz Patricia Tóth. A Planeta produz no conjunto cerca de dois

milhões de garrafas por ano, sendo 65% de castas indígenas (90% na região de Menfi) e vende os seus vinhos principalmente para Itália, Alemanha, EUA, Canadá, Japão e Inglaterra, mas também, em pequenas quantidades, para um total de 74 países.

A enóloga refere que “já há um grupo de clientes na Itália e na Europa abertos e curiosos sobre estas castas originais. E finalmente encontramos abertura também noutros mercados. Mas

é ainda um desafio comunicar e explicar estes projetos. Embora quando alguém nos vem visitar, tudo muda: porque tem que tocar os solos, sentir as temperaturas diferentes depois de ter andado 70 quilómetros entre duas quintas, ver toda a riqueza da geologia e da história da ilha, e então entende bem a importância desta pesquisa e de desenvolver este *puzzle*”.

Para José Vanucci-Couloumere, viticultor independente e insubmissa (como ela própria se intitula) da Córsega e também presidente do Centro de Pesquisa Vitícola Insular (CRVI) “a criação do WM permitirá a troca de problemáticas, muitas vezes, comuns a todas as regiões ciosas de ‘reencontrar’ as suas castas. Trabalho de recolha, trabalho de produção de plantas sãs, trabalho de qualificação das aptidões enológicas destas variedades, trabalho de proselitismo para levar a cabo a sua difusão...” e acrescenta: “Wine Mosaic pode tornar-se um vetor de sensibilização do mercado mas também dos poderes públicos a fim de ajudar a dinâmica de difusão das castas raras”.

Na Clos Fornelli há apenas castas nativas, explica à ENOVITIS José Vanucci-Couloumere, “Vermentinu (branca), Biancu Gentile (branca), Niellucciu e Sciaccarellu e, mais recentemente, Minustellu (tinto e *rosé*). O meu pai é que plantou a vinha. Ele já tinha uma convicção sobre a identidade mesmo quando a tendência já era para variedades não nativas (...). Por isso tenho vinhas velhas de Sciaccarellu na propriedade (com o qual produzo um vinho 100% Sciaccarellu, tinto, La Robe d'Ange). Com meu marido, Fabrice Couloumere, continuo este caminho introduzindo variedades raras: Biancu Gentile e Minustellu e esperamos vir a replantar Genovese (branca), depois das suas aptidões enológicas terem sido reveladas pelo trabalho do CRVI”.

A presidente diz que o trabalho da CRVI da Córsega, liderado por Alain Bagard e Antoine Arena, “foi a principal ferramenta de reconquista da vinha da ilha e a replantação da identidade varietal” e frisa que “o trabalho com castas nativas parece óbvio quando falamos de *terroir*. Depois ao plantar variedades



INFACO
www.infaco.com

ELECTROCOUP

Tesoura F3010

KIT MEDIUM

KIT MAXI

A3M V2.0

ATADORA

VAREJADOR

ELECTRO'LIV
SYSTEME ELLIPTIQUE

POWERCUP

SERROTE

PUNHO

DESLADROADORA

CORTA SEBES

LisAgri Importador Exclusivo para Portugal
R. Vale de Lobos, 68 Guimarães, 2410-078 Leiria Tel. 244 814 479 Fax.244 814 804
Email: lisagri@net.vodafone.pt lisagri.lda@gmail.com



Na ilha de Santorini, na Grécia, os produtores enrolam as videiras para proteger as uvas do sol forte.

desaparecidas participamos na conservação do património vitícola. (...) Preservar as variedades de uvas indígenas é sobretudo uma questão de estado da mente, ética e não de marketing... Mesmo que se torne nele”.

A Clos Fornelli vende cerca de 60 000 garrafas por ano, sendo metade na Córsega (garrafeiras, mercearias finas e grande distribuição) e o resto no continente (em todas as regiões) e para exportação (Japão, Holanda, Alemanha, Reino Unido, Polónia, etc.), mas “fora da ilha o nosso mercado é exclusivamente HoReCa”. Paris Sigalas, presidente e CEO do Domaine Sigalas em Santorini, na Grécia, explicou no simpósio que a maioria dos produtores da ilha trabalha apenas castas autóctones (80% brancas e 20% tintas), como a Assyrtiko (branca) e a Mavrotragano (tinta) e usa técnicas ancestrais próprias, como ao ‘enrolarem’ a videira para proteger as uvas do forte sol (*ver fotos*). Além de vinhos brancos e tintos os produtores

de Santorini fazem também um tradicional licoroso, chamado Vin Santo, feito com 50% Assyrtiko e 50% de Aidani e Athiri, também variedades originais.

Futuro: passar à ação

Jean-Luc Etievent adianta que “o projeto Wine Mosaic é viável e responde a fortes expectativas, por isso, deve estruturar-se, dotar-se dos meios necessários para estabelecer uma plataforma de troca e de ferramentas de comunicação e assegurar assim a promoção dos viticultores que fazem vinhos de castas originais”. Cada país tem uma abordagem diferente do problema e organiza o seu sistema de preservação de acordo com as suas necessidades, mas basicamente, diz o responsável, há os países muito estruturados como Portugal, França, Espanha ou Itália e aqueles cuja indústria do vinho é mais recente, como a Turquia, Marrocos, Chipre e o Líbano, que precisam de

redescobrir suas variedades locais e envolver os seus viticultores ação.

O fundador do projeto sublinha que “o WM é uma associação e que qualquer pessoa pode participar. Mas estamos a considerar as fórmulas que permitirão desenvolver o projeto porque a nossa ação exige recursos para lançar iniciativas e criar ferramentas de comunicação”. E frisa que “todas as pessoas interessadas na preservação das castas se podem envolver”. Outra novidade, refere, “é mobilizar também as associações interprofissionais e os grandes grupos do setor: a preservação de variedades agora é assegurada no plano académico e localmente por viticultores independentes apaixonados. A presença no simpósio Wine Mosaic no Porto de produtores “mais importante” – Planeta, da Sicília; Sogrape, de Portugal ou ainda JeanJean, de França, demonstra que este assunto atingiu a maturidade”.

O WM irá manter-se, por agora, restrito à região do Mediterrâneo, “que reúne 80% das vinhas que nos interessam. (...) mas com a vontade de trabalhar com pessoas que nos solicitaram e que vêm de todo o mundo: EUA, Austrália, Argentina, Geórgia, Suíça... Então provavelmente nós expandiremos a nossa ação a nível global. Isto será feito com a assistência, e sob o patrocínio, da OIV para que o Wine Mosaic possa colocar as suas competências ao serviço da viticultura mundial”. 🌱

Um projeto participativo

O envolvimento dos especialistas que estiveram no Porto, vindos de todo o mundo, não ficou por aí. A convite dos fundadores do projeto – Jean-Luc Etievent, Arnaud Daphy, Fanny Basteau, Alain Carbonneau e Louise Hurren –, quem quiser manter-se ligado pode fazê-lo de duas formas: sendo um embaixador “Wine Mosaic” no seu país ou região (porque o projeto quer estar presente diretamente nos países por isso, os embaixadores serão os seus representantes locais, podendo organizar ações em nome

do Wine Mosaic, como por exemplo a seleção de projetos, a animação de um grupo, participar de degustações, etc.) ou então ser um ‘vigia’ do projeto (enviar à associação todos os eventos ou experiências que possam interessar e envolver o Wine Mosaic, como conferências, exposições, artigos de imprensa, produtores que trabalham com castas originais, etc.).

Todos os que estiverem interessados neste projeto podem, para já, tomar conhecimento com ele e depois envolverem-se também.

Nos próximos meses, o Wine Mosaic continuará o seu desenvolvimento, já com duas etapas previstas: a *Digital Wine Communications Conference* de 25 a 27 de outubro de 2013 na Rioja (com degustação de vinhos raros e originais, ver programa em dwcc.co) e a *Vinisud* de 24 a 26 de fevereiro de 2014 em Montpellier (como ‘montra’ da ‘vinodiversidade’, com palestras e degustações – www.vinisud.com).

Siga todas as novidades em: <http://www.facebook.com/WineMosaic>.